



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

ALICE DE MATOS SOARES

**EXPERIÊNCIAS AFRODIASPÓRICA NA ARQUEOLOGIA: RELATOS,
SENSAÇÕES E EMOÇÕES EM UM BRASIL DO SÉCULO XXI.**

SANTARÉM-PA

2022

ALICE DE MATOS SOARES

**EXPERIÊNCIAS AFRODIASPÓRICA NA ARQUEOLOGIA: RELATOS,
SENSAÇÕES E EMOÇÕES EM UM BRASIL DO SÉCULO XXI.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia para obtenção do título de bacharela em arqueologia; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências e Sociedade. Orientadora MsC. Cíntia dos Santos Moreira.

SANTARÉM-PA

2022

S676e Soares, Alice de Matos
Experiências afrodiaspórica na arqueologia: relatos, sensações e emoções em um
Brasil do século XXI. / Alice de Matos Soares – Santarém, 2021.
73 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Cíntia dos Santos Moreira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará,
Instituto de Ciências da Sociedade, Bacharelado em Arqueologia.

1. arqueologia. 2. autoarqueologia 3. diáspora africana. 4. vivências. I. Moreira, Cín-
thia dos Santos, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 326

Bibliotecária - Documentalista: Mary Caroline Santos Ribeiro – CRB/2 566



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

Alice de Matos Soares

**“EXPERIÊNCIAS AFRODIASPÓRICA NA ARQUEOLOGIA: RELATOS,
SENSAÇÕES E EMOÇÕES EM UM BRASIL DO SÉCULO XXI”**,

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Arqueologia com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC, e obtenção de grau de Bacharelado em Arqueologia na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Nota: _10,0_

Data de Aprovação _18_/_02_/_2022

Cíntia dos Santos Moreira

MsC. Cíntia dos Santos Moreira
PRESIDENTE ORIENTADORA: Prof.^a **Orientadora**

Camila Pereira Jácome

Dra. Camila Pereira Jácome
1ª Avaliadora / Interna (UFOPA)

Myrian Sá Leitão Barboza

Dra. Myrian Sá Leitão Barboza
2ª Avaliadora / Interna (UFOPA)

Patrícia de Carvalho Marinho

Dra. Patrícia de Carvalho Marinho
3ª Avaliadora / Externa (Pesquisadora / MAE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por todo apoio e incentivo. Em especial a minha mãe que fez de tudo para garantir que tivesse uma educação de qualidade. Agradeço a minha irmã gêmea, Aline Soares que partilha desde o nascimento o afeto, e além de tudo, é minha inspiração, pois foi a primeira da família a ser graduada.

Agradeço aos meus amigos e amigas, aos meus colegas de cursos por partilhar todos esses anos de aventuras e aprendizado. E aos muitos amigos que me ensinaram e partilharam vivências, experiências e afeto.

Agradeço aos meus professores, por todo ensinamento ao longo dos anos e oportunidades dadas a mim, sem dúvida parte desta pesquisa foi possível graças a eles. As minhas orientadoras por toda atenção e guia deste trabalho.

Agradeço a minha amiga, orientadora e pesquisadora Patrícia Marinho por partilhar múltiplos conhecimentos e me permitir não apenas dividir minha trajetória acadêmica, mas minha experiência de vida.

E em especial, agradeço ao Coletivo Negro Alessandra Caripuna por ter sido meu apoio de resistência e afeto dentro da universidade e por me permitir me reconhecer enquanto mulher negra.

Por fim, e não menos importante, meus sinceros agradecimentos a todos que colaboram com esta pesquisa, seja direta ou indiretamente, me permitindo experimentar, vivenciar e partilhar diversos conhecimentos com tantas pessoas.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo acrescentar ao debate questões sobre o desenvolvimento da temática da diáspora africana, bem como contribuir para a visibilidade de conhecimento e/ou pessoas afrodiaspóricas a partir de uma perspectiva afrocentrada. Através de atividades realizadas em diversos espaços por meio do coletivo negro, etapa de campo em Vila Bela da Santíssima trindade-MT, bem como a mobilidade externa em São Paulo fora possível conhecer e estabelecer uma troca com estes diversos pesquisadorxs/conhecedorxs que estão produzindo nas diversas áreas de estudo sobre a diáspora africana. O movimento negro tem um forte papel educacional e compreender mais sobre o movimento, sua atuação e aproveitar esse conhecimento dentro da arqueologia é essencial. A participação no campo em Vila Bela me possibilitou o contato real com pessoas e a temática da diáspora, me permitindo avançar na formação. A arqueologia tem muitos desafios, tais quais a visibilidade e inclusão de profissionais e estudantes negrxs. Participar de todas atividades e espaços me permitiu me ver representada em alguns deles e quanto ainda temos que trabalhar para garantir que tenhamos uma Arqueologia mais representativa, multivocal e antirracista.

Palavras chaves: Arqueologia. Autoarqueologia. Diáspora Africana. Vivências.

ABSTRACT

This research aims to add to the debate questions about the development of the African diaspora theme, as well as to contribute to the visibility of knowledge and/or Afrodiasporic people from an Afrocentric perspective. Through activities carried out in different spaces through the black collective, field stage in Vila da Santíssima Trindade-MT, as well as external mobility in São Paulo to meet and establish an exchange with several researchers/ connoisseurs that are taking place in the different areas of study of the African diaspora. The black movement has a strong educational role and to understand more about the movement, its performance and knowledge about this knowledge within essential archeology. The field at Vila Bela allowed me to have real contact with people and the diaspora theme, allowing me to train myself. Archeology has many challenges, such as the visibility and inclusion of black professionals and students. Participate in all our activities and work in every effort to ensure that we have a representative, anti-racist multivocal Archeology.

Keywords: Archeology. Autoarchaeology. African Diaspora. Experiences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Participantes da assembleia geral de fundação do Coletivo Negro Alessandra Caripuna	17
Figura 2 - Alessandra Caripuna	18
Figura 3 - Leitura da carta de repúdio na semana da Consciência negra.....	19
Figura 4 - Membros do coletivo na Roda de Conversa sobre “colorismo”	20
Figura 5 - Formação com os professores na escola Plácido de Castro.....	21
Figura 6 - Coletivo no Ato 8 de março em 2019	22
Figura 7 - Trecho da entrevista com Alessandra Caripuna.....	23
Figura 8 - Recepção dos calouros da UFOPA 2020.....	24
Figura 9 - Reuniões de afeto do Coletivo Negro	27
Figura 10 - Reuniões de afeto do Coletivo Negro	28
Figura 11 - Quilombo Tingu.....	33
Figura 12 - Material cerâmico no chão.....	33
Figura 13 - Jéssica, Paty e eu.....	34
Figura 14 - Rio Guaporé.....	35
Figura 15 - Paty e Ádio a caminho do Sítio.....	36
Figura 16 - Ádio tirando leite.....	37
Figura 17- Kika alimentando as galinhas.....	37
Figura 18 - Eu escavando na unidade soleira.....	39
Figura 19 - Ádio na unidade Lixeira/ maio/2018.....	39
Figura 20 - Peças do museu.....	40
Figura 21- Ruínas da Igreja da Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade	41
Figura 22 - Equipe de campo	42

Figura 23- Da esquerda para a direita: Paty, Hadiily, Wellington, eu, Jessica e Abdilson.....	42
Figura 24 - Eu na cachoeira dos namorados.....	43
Figura 25 - arte de divulgação do evento.....	47
Figura 26 - Cachimbo em cerâmica com representação masculina produzida pelas culturas Bamum e/ou Bamilieque, Camarões. Apresenta uma figura real coroada.....	49
Figura 27 - Exposição o Sagrado e o Profano.....	50
Figura 28 - Um cômodo do Acervo África com exposição de tecidos, mascaras e bancos do grupo Lobi da país Burkina Faso.....	51
Figura 29 e 30- Braceletes, brincos, colares, anéis, pingentes de diversos grupos e adornos de cabelos.....	51
Figura 31 - Centro de Arqueologia- São Paulo.....	52
Figura 32- Materiais Arqueológicos do CASP.....	52
Figura 33 - Materiais Arqueológicos do CASP.....	52
Figura 34 - CASP-Sítio Morrinhos.....	53
Figura 35 - Shambuyi Wetu, Liliane Braga, Eu e Paty.....	54
Figuras 36 - Exposição da Telas de Shambuyi Wetu.....	55
Figura 37 - Exposição da Telas de Shambuyi Wetu.....	55
Figura 38 - Sheila Walker.....	57
Figura 39: Paty, Júlio e Eu.....	58
Figura 40- Roda de Conversa.....	58
Figura 41-Roberta D'alva e Conceição Evaristo.....	59
Figura 42 - Roda de conversa: genocídio da população Negra.....	60
Figura 43 - Autores da Coleção feminismo plurais.....	62

Figura 44 - Paty e eu no lançamento do livro de Adilson Moreira.....	62
Figura 45 - Sarau do grupo o cativeiro.....	64
Figura 46– Homenagem no dia de Ogum pelo grupo Afoxè Amigos de Katende.....	65
Figura 47: Participantes da Roda de Conversa.....	66
Figura 48 - Renascer- grupo Cupuaçu.....	67
Figura 49 - Cacique Ronaldo e Susilene Kaingang.....	68

LISTA DE SIGLAS

CASP	Centro de Arqueologia de São Paulo
CEQ	Coletivo de Estudantes Quilombolas
COSANPA	Companhia de Saneamento do Pará
EUA	Estados Unidos da América
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MAE-USP	Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
NEGRAQUEO	Rede de Arqueologia Negra
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SP	São Paulo
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SESC	Serviço Social do Comércio
SLM	Sítio Lino e Maria Dos Anjos
SarqPB	Sítio Arqueológico Porto Boqueirão
SAB	Sociedade de Arqueologia Brasileira
STF	Supremo Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNIFESP	Universidade Federal do Estado de São Paulo
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – COLETIVO NEGRO ALESSANDRA CARIPUNA.....	16
CAPÍTULO 2 – DE SANTARÉM A VILA BELA: UMA EXPERIÊNCIA AFRODIASPÓRICA.....	32
CAPÍTULO 3 – MOBILIDADE EXTERNA TEMPORÁRIA: DE SANTARÉM A SÃO PAULO.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS.....	72

INTRODUÇÃO

Em face ao cenário atual, o período pandêmico causado pelo vírus da SARS Covid-19, surgiu uma alternativa para esta pesquisa depois de algumas tentativas que não deram muitos frutos: a ideia de fazer um trabalho com foco nas minhas experiências afrodiaspóricas.

Minha escolha de narrativa e escrita tem como abordagem a “auto-arqueologia”, que parte de uma “experimentação crítica e política do fazer arqueológico situadas a partir de meu Ser em Corpo” (MORAES,2021). Assim, vincula experiências pessoais, que são coletivas (ABREU E SOUSA,2020). Partindo de uma arqueologia que escava memórias, sendo assim uma ação política no presente.

Busco ainda a noção de escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo, enquanto ferramenta metodológica para produção de conhecimento. Minha escrita está longe de ser poética, mas através dessa narrativa que me atrevo a descrever evento, vivências, experiências que me foram fundamentais enquanto mulher, negra, pobre e estudante. Então, considero aqui estas epistemologias como meios de descolonização da arqueologia.

Ainda são poucos os cursos de graduação e pós-graduação em arqueologia que discutem em sala de aula questões como raça, racismo e outros desdobramentos essenciais para a formação de afrodescendentes ou não. E se contarmos os profissionais e estudantes negrxs, bem como estudos relacionados a diáspora africana e contextos, levando em conta história da arqueologia o índice é muito baixo. Quantos professores negrxs tive durante a graduação? Uns 5 no máximo. E colegas? de dez alunes da turma, eu sou a única que se declara negra.

ABREU E SOUZA (2020) apresenta que um estudo realizado em 2015, na Universidade de São Paulo (USP) revelou que 1,83% e 1,53% se autodeclaravam pretos e pardes, contra um total de 94,6% de autodeclarados brancos. Agora imaginemos como está a situação dentro da Arqueologia, onde a universidade é um dos principais polo de formação de profissionais.

A Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) é amplamente conhecida por ter um processo seletivo que representa a diversidade da população amazônica, com

alunos negres, indígenas, quilombos e ribeirinhos. No entanto essa diversidade ainda não se reflete no quadro de docentes e técnicos. E mesmo com essa diversidade, a universidade ainda não possui políticas públicas suficientes que garantem a permanência e conclusão destes estudantes.

Dentro desse processo de invisibilidade de estudos e profissionais negres na arqueologia. Hoje temos a Rede de Arqueologia Negra (NEGRAQUEO) que é formado por arqueólogas e arqueólogos formados no Brasil, reunidos desde 21 de maio de 2018, buscando combater a falta de representatividade tanto na comunidade acadêmica e quanto nos estudos das comunidades trazidas ao Brasil desde o período da escravidão. A divulgação oficial da recém criada rede foi feita durante a IV Semana Internacional de Arqueologia do MAE-USP (2019), a qual foi lida a carta de princípios pela arqueóloga Patrícia Marinho. Com a articulação de pessoas negrxs e afrodiaspóricas foi um momento muito marcante para este grupo ao qual faço parte. Mesmo com o contexto atual, pandêmico e as mais diversas formas de opressão e tentativas de silenciar nossos corpos, continuamos nos articulando em prol da libertação das nossas histórias e vidas.

Dessa forma, esta pesquisa surge na tentativa acrescentar ao debate questões sobre o desenvolvimento da temática da diáspora africana, bem como contribuir para visibilidade de conhecimento e pessoas afrodiaspóricas a partir de uma perspectiva afrocentrada.

Considero dizer que aprendi com muitas pessoas durante esse percurso acadêmico. Esta pesquisa foi possível graças à colaboração desses múltiplos atores ao qual tive a oportunidade de partilhar saberes.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma.

No primeiro capítulo, o objetivo é discutir o papel do movimento negro como educador, pois como afirma Gomes (2017) os movimentos sociais são “os produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade”. E tudo que conhecemos hoje no Brasil que fazem parte das áreas de ciências humanas e sociais é devida a atuação política, educacional e libertadora do movimento negro. Dessa forma, trago a história do Coletivo Negro Alessandra Caripuna relatando e debatendo algumas das diversas

atividades realizadas. trata-se também de alguns questionamentos sobre avanços e o como podemos ampliar esta discussão para além da universidade.

No segundo capítulo, além dos caminhos que me levaram até aqui, relato minha primeira experiência em campo de contexto afrodiaspórico realizada em Vila Bela da Santíssima Trindade- Mato Grosso, mais precisamente na Comunidade Remanescente de Quilombo o Boqueirão. Além de contextualizar um pouco sobre a diáspora africana, o objetivo é apresentar como o contato real com a temática contribui significativamente para a minha formação enquanto afrodescendente.

No terceiro capítulo trago um pouco da experiência da mobilidade externa nacional realizada em São Paulo. Para além do relato de atividades, viso apresentar como através da orientação colaborativa foi possível acessar diversos espaços e pesquisadores das diversas áreas que estão discutindo a diáspora africana. Bem como é fundamental a representatividade em vários espaços de conhecimento.

Na conclusão abordo aspectos sobre considerações da temática abordada durante todo corpo do texto, discutindo os relatos dessa experiência afrodiaspórica.

CAPITULO 1- COLETIVO NEGRO ALESSANDRA CARIPUNA

Eu sempre me senti meio solitária caminhando pelos corredores da universidade. Não ver muitos rostos negres de alunes no curso, ou mesmo professores, foi uma realidade que dificultou meu processo de pertencimento, a certeza de e que ali também é meu lugar. E quando isso se somou com ações de racismo escancarado ao qual fui exposta, foi como um choque.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo, justamente relatar minha experiência enquanto estudante negra, no curso de Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Além do aprendizado arqueológico apreendido durante esses anos, pretendo trazer também questões estruturais que permeiam a condição da população negra, e as estratégias que utilizei para seguir em frente e concluir a graduação.

Partindo do entendimento que o movimento negro tem um forte papel educacional (GOMES,2017), pois produz saberes emancipatórios. Este capítulo tem como objetivo mostrar nossa potência enquanto estudantes que não detém todo conhecimento, mas juntos somam-se a aprender e compartilhar nossas raízes.

Segundo GOMES (2017), “os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade”. Tudo que conhecemos hoje no Brasil que fazem parte das áreas de ciências humanas e sociais é devida a atuação política, educacional e libertadora do movimento negro. É através dele que muitas das reivindicações e discussões tem crescido tais como racismo, discriminação racial, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, ações afirmativas, igualdade racial, saúde da população negra, antirracismo e outros temas. A inclusão do racismo como crime inafiançável na Constituição Federal do Brasil e a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), tornando obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana são grandes exemplos dessa atuação.

Como salienta Gomes (2017) o conhecimento nascido na luta não avança de modo isolado, ele entra em diálogo como outros conhecimentos tal como o acadêmico. É entendendo a nossa potência como um movimento educador de pessoas, coletivos e instituições que empenhamos em nos organizar enquanto coletivo.

Cansades de não se ver representades na instituição, o Coletivo Negro Alessandra Caripuna surge como um grupo de enfrentamento ao racismo e fortalecimento de alunes negres da UFOPA. Estando assim diretamente ligado a um esforço em discutir e garantir que as políticas públicas da universidade englobem os afrodescendentes.

O Coletivo foi fundado no dia 11 de julho de 2018. Me recordo que a mobilização para esse tão sonhado dia foi bem intensa. Fixamos cartazes de convocação aos estudantes e, fomos de sala em sala chamando le alunes. Não parávamos de pensar em poder construir uma ponte para enfim alcançar mudanças concretas.

A assembleia geral de fundação do Coletivo contou com a participação de alunes, docentes, técnicos e militantes de movimentos negros em Santarém, que ressaltam a importância da representatividade na universidade e de como os coletivos negros podem agir politicamente pelas lutas por direitos. Aquele foi um momento de muitas falas de resistências, luta e afetividade, pois no atual momento político de nossa sociedade é necessário se fortalecer e enfrentar todas as formas de opressão.

Figura 1. Participantes da assembleia geral de fundação do Coletivo Negro Alessandra Caripuna



Fonte: Coletivo Negro Alessandra Caripuna

Na criação de grupos, entidades, sempre se homenageiam pessoas que já se foram, mas a nossa homenagem foi em vida. Alessandra Caripuna (ver figura 02), mulher negra, mãe, trabalhou por 4 anos na coordenação de educação e diversidades étnico-racial – quilombola e indígena – SEMED (Secretaria Municipal de Educação). É uma das fundadoras do coletivo Kitanda Preta¹ e atualmente tem sua própria marca de roupas de influência africana chamada Negrices Caripuna. Alessandra, ainda fez parte

da construção de muitas semanas de Consciência Negra na UFOPA e outros eventos durante sua trajetória. Alessandra atua em diversas frentes do movimento negro em Santarém e região, sempre se destacando nos espaços de poder que transita e disputa e vem sempre afrontando e resistindo a esse sistema racista que insiste em nos calar.

É por isso que escolhemos esse nome para nosso Coletivo: uma mulher que representa o ideal de luta ao qual propomos seguir.

Figura 2- Alessandra Caripuna



Fonte: Foto cedida por Alessandra Caripuna.

Dentre as rotinas de ser acadêmico e militante, enquanto coletivo tivemos a necessidade de nos organizar, estabelecendo assim atividades de formação internas (discussões, entretenimento e afetos) e externas (oficinas, cine-debate, roda de conversas, dentre outras atividades). Sempre procuramos pensar também para além dos muros da universidade, com o objetivo de compreender como esses processos se dão na sociedade como um todo e dialogar em escolas, no Ministério público, na própria universidade, estando juntos.

Dentro das nossas primeiras atividades enquanto coletivo, uma das mais potentes foi no dia 19 de novembro de 2018. Nos organizamos para apresentar uma carta de repúdio na abertura da VII Semana da Consciência Negra da UFOPA em razão das

graves situações de racismo que vem atingindo aos alunos negres da instituição de forma direta como também os servidores.

Para mim foi um desafio, pois estive em cada passo da construção da carta. E a cada palavra, frase, parágrafo também senti aflorar muita dor e revolta como sobrevivente de um ataque racista, e ao ficar sabendo sobre tudo que vinha acontecendo na instituição. Eu fui a aluna escolhida para ser a porta voz e equalizar nossos sentimentos (ver figura 3).

Figura 3. Leitura da carta de repúdio na semana da Consciência negra.



Fonte: Estúdio Composição.

Uma das nossas primeiras atividades de formação dos membros do Coletivo foi na perspectiva de fortalecer discussões raciais e as várias face do racismo, que teve como tema o colorismo (ver figura 4). Tivemos como base o texto da Tainan Maria Guimarães Silva e Silva “Colorismo e suas Bases Históricas discriminatórias” (2017). Esta atividade foi muito importante visto que estávamos começando a agregar novos membros. E nosso intuito foi discutir o ser negro de pele mais clara e o mais retinto e como isso implica diretamente no racismo vivenciado e nos privilégios. E num nível mais profundo estabelecer uma base para os membros, pois de maneira nenhuma queremos ditar quem é ou deixa de ser negro. É uma discussão cara e não cessou! Temos muito ainda a aprender e disseminar.

Figura 4- Membros do coletivo na Roda de Conversa sobre “colorismo”.



Fonte: Coletivo Negro.

Dentro das atividades externas do Coletivo Negro Alessandra Caripuna, sempre nos chamavam para atividades em escolas. Infelizmente na maioria das escolas as discussões sempre estavam ligadas a Semana da Consciência Negra, focados na ideia que em um único dia estão cumprindo a lei 10.639/2003, lei esta, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira.

O Coletivo foi convidado a participar de uma formação para os professores em fevereiro de 2019 na escola Plácido de Castro. Nossa participação consistiu em apresentar algumas formas de conteúdo que poderiam ser aplicadas segundo a lei 10.639/03. E não restringindo a discussão apenas a uma disciplina.

O erro mais comum que notamos nas escolas era tratar “a África” como se fosse um país, e não um continente, englobando toda sua diversidade cultural e linguística, ou mesmo sempre retratando o continente como símbolo de miséria e fome. Dessa forma de maneira mais dinâmica sugerimos filmes, contos e histórias que retratam a diversidade cultural das dos diversos povos africanos. Para tanto, um dos filmes escolhidos como exemplo, foi Pantera Negra, porque ao longo do filme vai sendo evidenciados aspectos culturais como atos ritualísticos, linguísticos, vestuário, formas de organizações entre os diversos grupos étnicos e de riquezas naturais do continente.

Foi uma discussão bem interessante e contou com vários professores (ver figura 5). Além disso, foi discutido também a lei 11.465/2008 que estabelece o ensino da história e cultura dos povos indígenas. A discussão foi conduzida pela professora Lucybeth Arruda e o professor Florêncio Vaz.

Figura 5. Formação com os professores na escola Plácido de Castro



Fonte: Alice Soares.

Nossa luta é diária. Somos resistência. E é dessa forma que o coletivo sempre se fez presente em várias manifestações, atos que defendem o direito a nossa vida e dizer chega aos vários sistemas de opressão (ver figura 6).

¹O Coletivo Kitanda Preta surgiu da iniciativa de um grupo de mulheres negras de Santarém em 2017, inspiradas em “feiras pretas” e bazares que ocorrem no Brasil inteiro. A Kitanda nasce com um propósito de ser um espaço de vendas dos mais diversos produtos, oficinas e entretenimento, visando valorizar a cultura e fomentar o empreendedorismo negro de Santarém. E tenho a alegria de dizer que também faço parte desse coletivo, e meu ingresso está intimamente ligado à minha trajetória acadêmica, como vou descrevendo ao longo deste texto.

Figura 6. Coletivo no Ato 8 de março em 2019



Fonte: Alice Soares

O Ato no Dia Internacional das Mulheres também destacou a luta contra a reforma da previdência, exigindo demarcação das terras indígenas e denunciando os danos provocados pelos grandes projetos na Amazônia.

Com o intuito de realizar uma chamada para Semana da Consciência Negra na UFOPA em 2019 que teve como tema: *Negrxs! O Estado é racista! Reagimos ou morreremos!* Nós do Coletivo de estudantes Negres Alessandra Caripuna, nos empenhamos a cada dia do mês de novembro para postar figuras de pessoas negres representativas da nossa região como forma de reconhecimento, trazendo a contribuição dessas pessoas para a luta antirracista. Além disso, incluímos nessas postagens as entrevistas na íntegra² sobre as opiniões dessas pessoas, dentre eles, professores e militantes sobre o papel enquanto negres na Amazônia e o significado do espaço da Semana da Consciência Negra para eles (ver figura 7).

Figura 7 – trecho da entrevista com Alessandra Caripuna.



Fonte: Coletivo Negro.

Em nossas atividades externas sempre buscamos trazer de uma forma mais lúdica e interessante as discussões raciais, tais como os de cine-debates. Os filmes são dinâmicos, conseguem atingir melhor as pessoas e ajudam a provocar uma discussão. Um outro filme muito importante, que agregou elementos nessa discussão foi “O ódio que você semeia”³, o mesmo narra uma história infelizmente conhecida em diversos cantos do mundo.

O filme retrata a realidade de muitas famílias que vem perdendo seus entes pela violência policial. Sim, elas têm cor, infelizmente o índice de morte de jovens negros por “engano” é muito maior de que brancos. Segundo o Atlas da Violência 2020, a taxa de homicídios de negros cresceu 11,5%, de 2008 a 2018, enquanto a de não negros caiu 12%. A violência policial é um dos fatores para essa disparidade.

A discussão tomou proporções bem grande na mídia durante o ano de 2020 com a morte do afro-americano George Floyd, assassinado em Minneapolis (EUA) por um policial branco. Houve várias manifestações e foi difundida a hashtag #blacklivesmatter⁴ que significa vidas negras importam. O racismo e a violência vêm acontecendo a muitos anos a diferença que hoje vem sendo exposta.

Ano novo, 2020, vieram calouros e as recepções. Com intuito de acolher nossos irmes e quem sabe também agregar novos membros, fizemos a recepção da calourada apresentando o coletivo (ver figura 8).

Figura 8- Recepção dos calouros da UFOPA 2020.



Fonte: Alice Soares

Para ter uma recepção mais intimista resolvemos fazer uma roda de conversa intitulada “Ser preto e acadêmico, experiências e vivências”, no entanto, a pandemia foi chegando, e com ela o lockdown. Cancelamos o evento presencial. Mas com muita resistência e vontade, felizmente conseguimos realizar no formato online por meio de uma *live*.

A *live* contou com a participação das integrantes do coletivo e estudantes. Danielle Andrade, bacharela em engenharia sanitária e ambiental; Thais de Oliveira Costa, bacharel em Antropologia e mestranda em Sociologia e Antropologia pela UFPA e Eloisa Barbosa, graduada em licenciatura integrada em História e Geografia.

² todas as postagens estão disponíveis na página do facebook do Coletivo negro Alessandra Caripuna. Ver em: <https://www.facebook.com/ColetivoNegroUfopa>

³ Starr é uma jovem que presencia o assassinato de seu amigo Khalil por um policial que parou o veículo em que eles estavam. O policial viu Khalil se inclinando para o carro e atirou por achar que o jovem portava uma arma. Khalil morreu segurando uma escova de cabelo em suas mãos.

O objetivo foi acolher os estudantes, buscando inspirar e fortalecer nessa caminhada de luta dentro da instituição. Foi um momento de falas lindas de resistência e determinação, para dizer que a gente consegue ser e fazer tudo que queremos.

Dentro desse início pandêmico como forma de inspirar começamos com nossa campanha “pensando questões raciais na quarentena” como forma de, mesmo distante, instigar o debate e entendimento de todos. Assim fomos sugerindo leituras, filmes, documentários e reflexões que pudessem ajudar a pensar essas questões. Tal como livro de Achille Mbembe “Necropolítica” e o livro *Quarto do Despejo* de Maria Carolina de Jesus.

No Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial (22/03/20) foi apresentado através das redes sociais uma reflexão sobre o tema: “População negra, Covid 19 e direito ao saneamento e água potável”. A atividade foi conduzida pela engenheira sanitária e ambiental Danielle Andrade. Nessa reflexão, foi relatado como que apesar da alta disponibilidade hídrica a água não chega para todos. Essa falta de acesso à água e outros serviços de saneamento deixou as populações de áreas periféricas muito mais expostas a Covid-19 e outras doenças. E como a negação de saneamento e água potável à população são basicamente uma das faces da política de morte empregada pelo estado. Assim, as pessoas alvas dessa política têm cor, são negras, e é isso que pode ser caracterizado como racismo ambiental.

Eu, nascida e criada em bairro periférico posso dizer que sei as reais condições de acesso a água. Mesmo tendo um dos maiores rios do mundo que banha nossa cidade, o Tapajós, a água potável ainda é um sonho para muitas famílias. Lembro-me quando criança de minha mãe e irmãos mais velhos carregando água, e foram muitos anos assim. Até que o vizinho da rua de cima fez um poço, e não precisamos mais carregar água. Agora temos água encanada até em casa, mas o banho continuava na beira do tanque. Construir uma casa com 8 crianças e sozinha foi complicado. Fomos resistindo a crise da água. Chegou a água no nosso chuveiro, mas continua sendo do poço do vizinho, isso por muitos anos. Aumentou o preço, troca de poço, resistência. Depois de mais de 20 anos o fim da luta diária por água chegou. Em julho de 2021. foi uma grande conquista, pois já fazia anos que haviam feito encanamento, mas somente neste ano foi inaugurado o sistema de abastecimento de água no nosso bairro pela Companhia de Saneamento do Pará (COSANPA).

Trazendo essa história da água, face do racismo e injustiça ambiental, quero mostrar quais são as condições em que vivem grande parte de estudantes Negres. O Pará é um dos estados com os piores índices de saneamento básico do Brasil. E segundo o Instituto Trata Brasil (2017) há apenas 1,18% de tratamento de esgoto, 4,92% de coleta de esgoto, 47,10% de rede de água e a perda de água é 39,72%. Somando a isso segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção e Igualdade Racial o estado o Pará, no censo demográfico de 2010 é que tem maior índice de pessoas que se declaram pretas e pardas, sendo 76,7%, destes 69,5% se declararam pardos e 7,2%, negros.

Na UFOPA até a criação do Coletivo Negro Alessandra Caripuna, só havia o Coletivo de Estudantes Quilombolas (CEQ) que é formado pelos estudantes quilombolas ingressos na UFOPA, sendo um espaço de fortalecimento e garantia de direitos destes para além dos seus territórios.

Nossa luta dentro da universidade levou a algumas mudanças como a imposição de criação do coletivo, isso fez com que levasse ao um melhor entendimento de grupos dentro da instituição, por exemplos negres e quilomboles.

Quando nos impomos veio os questionamentos: Pra que dois coletivos? Não é a mesma coisa? Não, não somos, nem todo negro é quilombola, e nem todo quilombola é negro. Muitas das pautas se fundem, mas há bastante diferenças, principalmente territoriais.

Outra mudança foi em relação aos editais promovidos pela pró-reitorias. Nos reunimos e convocamos as pró-reitorias e coletivos para a construção de um edital que atendesse a todos dentro do processo de ações afirmativas. Pois cada um queria ditar suas próprias definições o que acabava não atendendo a todes que fazem parte do grupo, tal qual apresenta a Resolução nº200/2017 que diz:

A Política de Ações Afirmativas e Promoção da Igualdade Étnico Racial da UFOPA destina-se, prioritariamente a grupo historicamente excluídos: indígenas, negros, quilombolas, comunidades tradicionais, pessoas com deficiência e população LGBT, com ênfase nas pessoas ingressantes através políticas de equidade de direitos, tais como o Sistemas de Cotas Sociais, o Processo Seletivo Especial e as vagas destinadas às pessoas com deficiência.

Não teve ampla participação, mas a construção foi fundamental para os editais futuros pois houve até um processo judicial em 2018. Processo a qual um aluno Negro

concorrente ao edital questionou a destinação de vagas de ações afirmativas, pois especificamente queria atender somente indígenas e quilombolas dentro das vagas, não contemplando os demais grupos historicamente excluídos.

Diante de tanta luta necessitamos de muito afeto e sem dúvidas não foi o que faltou. Esse é um dos objetivos do coletivo, ser um espaço de fortalecimento e troca de afetos entre os alunes negres da instituição para cada vez mais consolidar a união destes estudantes contra o racismo institucional. E assim vivemos muitos momentos de lazer e descontração (ver figura 9 e 10).

Figura 9 e 10- Reuniões de afeto do Coletivo Negro.





Fonte: Coletivo Negro

A universidade pública é uma das portas de mudança de vida para muitas famílias, principalmente negras. Pensar em estratégias e mudanças que façam com que continuemos nesse espaço é fundamental. Ainda somos em muitos casos os primeiros da família a frequentar a universidade e não queremos ser os últimos.

Apresentei algumas das diversas atividades desenvolvidas durante esses anos e minhas impressões. Dessa forma, pensando no Coletivo, quis saber como os outros membros veem o Coletivo e sobre os avanços dentro da universidade. Sendo assim, realizei uma conversa com alguns membros do Coletivo sobre essas questões.

O Coletivo na minha vivência acadêmica e pessoal foi uma das portas que se abriram de afeto, fortalecimento e resistência no curso, e quem comunga desse pensamento é Thais Costa⁵:

Um pouco depois formamos o Coletivo Negro Alessandra Caripuna, essa foi a primeira experiência com um movimento negro e leituras de quem éramos e quem tinha vindo antes de nós. O coletivo serviu não só para nos fortalecermos, mas para entender que o espaço da universidade era um espaço de conquista de quem já tinha vindo antes. Então o coletivo foi essencial não só para reivindicações acadêmicas, mas acolhimento entre os nossos.

O Coletivo Negro fez pensar mais nos nossos ancestrais, lembrando dos que vem lutando antes de nós e ajudando a preparar melhor para os que ainda virão. E pra muitos de nós foi onde começou a jornada de questionamento, ajudando assim no processo de autorreconhecimento. Como destaca Aline Soares⁶ “o coletivo foi uma

oportunidade de me reafirmar como afrodescendente e lutar como mais fervor pelos nossos direitos”. Reafirmando aí um dos objetivos do coletivo: o fortalecimento dos estudantes.

As mudanças que temos pautado ainda são passos pequenos, mas são significativas, como comentou Mauricio Rabelo⁷ avançamos “principalmente no que se refere a temática Negritude, Racismo e outros”.

Nesse sentido, posso citar um dos recursos foi o lançamento do Guia de Combate ao Racismo na universidade⁸ em 2017 produzido pela UFOPA. O mesmo é apresentado como uma estratégia para a promoção da igualdade étnico-racial e o enfrentamento do racismo institucional no cotidiano universitário. No Guia é abordado alguns conceitos-chaves para a reflexão da problemática étnico-racial, os principais marcos legais sobre discriminação racial no Brasil, um passo a passo para denúncia, bem como propostas de práticas de promoção de igualdade étnico racial.

Nos anos que seguiram avançamos bravamente, como relata Thais Costa:

No caso da Ufopa nós conseguimos mudar minutas de editais, cobrar da universidade mais preparo para com os estudantes negros, rever os critérios de seleção de bolsas, discutir sobre punições mais severas para o crime de racismo.

Todas essas ações desenvolveram-se de uma luta coletiva, questionamentos em reuniões, assembleias, decisões que somaram em vidas e experiências. Pois como comenta Thais: “Quando se é negro dentro de um espaço racista ou a gente vê as opressões e fica em silêncio como forma de proteção ou a gente se organiza e reivindica nossos direitos e as assembleias serviram pra isso”.

Reagiremos ou morreremos! A universidade não foi pensada para a população preta, pobre. Então quando chegamos na universidade foi uma vitória muito grande, e permanecer nela exige muito esforço. Dessa forma nossa estratégia é construir uma ponte de ferramentas para que os próximos não passem pelos mesmos percalços.

Maurício ressalta que:

Para além da Universidade, acredito que assuntos dessa relevância poderia esta inclusa dentro das escolas públicas, pois politizado e ajudando os jovens antes de entrar na faculdade os mesmos estariam mais por dentro do assunto e consequentemente estariam mais engajados.

Retornamos então à aplicação da lei 10.639/03 que não supri qualquer entendimento que deveria ser colocado nas escolas sobre a história e cultura afro. E assim, entendemos que devemos ensinar para os nossos o que não nos foi ensinado.

E uma das estratégias comenta Thais Costa:

Dentro da universidade temos programas de extensão que vão para fora da academia, nós temos que usar essas ferramentas para trazer mais estudantes negros para dentro da universidade, ensiná-los a sobreviver ali dentro e construir caminhos para outros.

Torcemos com um futuro em que possamos viver (não sobreviver) nas universidades, e que não seja mais motivo de doença para muitos corpos negros.

O/a leitor/a deve estar pensando: e como isso se aplica a arqueologia? Na arqueologia estudantes e professores negrxs ainda são poucos ou quase inexistentes, sobretudo professores, bem como a quantidade de estudos ou disciplinas relacionados a população negra é ínfimo se comparado a história da Arqueologia.

Depois de começar meu processo de autorreconhecimento enquanto mulher negra me vieram muitos desses questionamentos. E uma forma de estratégia foi sempre que possível introduzir de alguma forma a temática afrodiaspórica nas discussões das disciplinas. De forma mais palpável sugere Mauricio “poderia se fazer um livro sobre a arqueologia negra abordando assuntos diversos Incluindo assuntos de cotas, Negritudes entre outros”.

Atualmente há poucos arqueólogos no Brasil que trabalham com a diáspora africana ou com temas voltados para a compreensão da ocupação e presença de Africanos e afrodescendentes no Brasil. No entanto, nos últimos anos a temática vem ganhando espaço. A inclusão e discussões da temática nos cursos de graduação são fundamentais para conseguirmos avançar mais. E é isso que espero com esse trabalho. Que possamos compreender mais sobre o movimento negro, sua atuação e aproveitar esse conhecimento dentro da arqueologia.

⁴Fundado por três mulheres da comunidade negra, o movimento Black lives Matter é um movimento ativista iniciado nos Estados Unidos e difundido pelo mundo. Em 2013, o movimento começou com a hashtag #blacklivesmatter nas mídias sociais após a absolvição de George Zimmerman na morte do adolescente afro-americano Trayvon Martin. O movimento frequentemente organiza protestos em torno

da morte de negrxs causada por policiais e questões mais ampla como discriminação racial, brutalidade policial e desigualdade racial. Mais informações sobre o movimento no site: <https://blacklivesmatter.com>

⁵ Thais de Oliveira costa, bacharel em Antropologia pela universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e mestranda em Sociologia e Antropologia pela UFPA.

⁶Aline de Matos Soares é Bacharel em Ciências e Tecnologias das Águas pela UFOPA e Graduanda e Gestão Ambiental pela UFOPA.

⁷Mauricio Rabelo Criado é bacharel em Arqueologia pela UFOPA.

⁸a cartilha está disponível em: <http://www2.ufopa.edu.br/ufopa/arquivo/docdiv/2017/CartilhaRacismonaUniversidadepublicaoweb19.9.2017folhadupla.1.compressed.pdf>

CAPÍTULO 2- DE SANTARÉM A VILA BELA: UMA EXPERIÊNCIA AFRODIASPÓRICA.

Lembro-me quando começou essa jornada. Conheci Laura Furquim⁹ (Laurinha) quando ela veio fazer análise para seu mestrado no Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú na UFOPA. Nos conhecemos de verdade em um dia que fomos queimar umas sementes para coleção de referência, a qual fui a convite da professora Myrtle Shock¹⁰.

Laura foi fundamental para o que vem a seguir. Foi através dela que conheci Patrícia Marinho (Paty) pessoalmente, pois já conhecia seu trabalho. Laura me indicou à Paty para participar da sua última etapa de campo do doutorado em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.

Meu interesse pela temática da Arqueologia Negra ou da Diáspora Africana surgiu um pouco antes. Interessada em aprender mais sobre mim, sobre ser negra e como essas questões atravessam a arqueologia, a prof. Anne Rapp Py-Daniel¹¹ me sugeriu algumas leituras que me ajudaram muito, e foi nesse momento que eu conheci o trabalho da Paty.

Diante dessas indicações de leituras e descobertas, vem o convite de fazer uma visita ao quilombo do Tingu, situado no planalto santareno.

Mesmo com o fluxo frequente de pessoas das comunidades o conhecimento sobre elas é muito vago. Então ter a oportunidade de conhecer e expandir os horizontes é muito enriquecedor.

O quilombo do Tingu atualmente é uma ocupação por comunidade quilombola, mas também é um sítio arqueológico pré-colonial. Na companhia da professora e mais um colega, Hudson Melo, embarcamos. O quilombo é relativamente próximo, e não demorou muito de carro. Fomos em um dia de chuva, mas isso não nos desanimou.

O objetivo era tirar algumas fotos do sítio e entrevistar um morador (Ver figuras 11 e 12). Foi uma experiência muito boa e inspiradora. Santarém e região tem muitas comunidades quilombolas, tanto em terra firme quanto em área de várzea. Poder conhecer alguns é muito importante, pois me fez levantar várias questões acerca de sítios nessas comunidades, bem como estudos realizados.

Figura 11. Quilombo Tingü



Fonte: Alice Soares

Figura 12. Material cerâmico no chão



Fonte: Alice Soares

E esse contato com os quilombos, as lacunas de estudos sobre o tema, fez com que me despertasse mais para temática na arqueologia e como poderia tentar contribuir.

Convite aceito, começou os preparativos para minha primeira experiência sozinha de tudo. Era início de semestre e fiquei me questionando, e se eu não der conta depois?

Muitas disciplinas, mas segui confiante era uma grande oportunidade na minha formação, não podia deixar passar.

Estou no aeroporto, era maio de 2018, minha primeira experiência de vôo e ainda sozinha. Para nós é muito normal passar dias em um barco, agora horas de avião é apavorante. Não conheço nada e ninguém, e depois de horas de vôo, cheguei em Várzea Grande - MT. A diferença de horário fez com que chegasse 3 horas antes da anfitriã do campo. Patrícia Marinho, nunca tinha visto, só a conhecia de nome. E poder participar do campo como parceiras seria incrível. Teria muito a aprender e quem sabe partilhar.

Depois de esperar algumas horas, enfim nos encontramos, e foi lindo, mas sem muita conversa e delongas, temos muito a fazer até chegarmos ao nosso destino, o Quilombo Boqueirão. Então para isso fomos atrás das passagens que nos levará até Vila Bela da Santíssima Trindade. E que calor, ainda bem estava acostumada. Temos que ficar um dia para resolver tudo. E que Alegria ter sido recebida com muita hospitalidade e conhecido pessoas incríveis como a Jéssica, Hadilly e sua família (ver figura 13).

Figura 13-Jéssica, Paty e eu.



Fonte: Paty Marinho

Partimos para Vila Bela, uma noite de ônibus! Vila Bela era antiga capital do Mato Grosso, é importante pois marca a história de muitos negrxs que ali viveram e se perpetuam lá até hoje. E chegar ali e vê tantas pessoas negrxs, uns reunidos na esquina, outros andando pela rua, foi incrível.

Fomos recebidas na casa de um amigo de Patrícia, o Ronaldo, de apelido Biguá. Ele e sua mãe foram bem receptivos. Nosso destino era o quilombo, só iríamos no fim da tarde quando o ônibus escolar sai para deixar as crianças em casa. Tivemos um tempo para ir ao supermercado e visitar o rio Guaporé (ver figura 14), e estávamos prontas para dar início àquela que seria a quarta etapa de campo do projeto de doutorado da Paty: “4ª Etapa de campo maio de 2018: “Levanta, sacode a poeira: arqueologia do abandono e escavações no sítio arqueológico” (Carvalho, 2018).

Figura 14- Rio Guaporé



Fonte: Alice Soares

Para chegar ao quilombo do Boqueirão mais um pouco de estrada, 30km de distância entre a Vila e o quilombo. A noite chega bem cedo, escurecendo às 18hs. Fomos acolhidas muito bem pelo Ádio, Elizandra (conhecida como Kika) e sua família. Depois de uma longa viagem, cansativa, um descanso para começar animada uma nova etapa para nós duas.

O primeiro dia no quilombo fora de reconhecimento e conhecimento. Organizamos materiais do campo e começamos a arrumar as fotos dos campos anteriores, bastante fotos, são 10 anos de pesquisa, colaboração e afeto com a comunidade. Seguimos assim durante os próximos dias, pois viriam novas fotos. A organização foi fundamental.

Fomos visitar o sítio Lino e Maria dos Anjos (SLM), antiga casa em eles que moravam, tiramos fotos e fizemos medições para o mapa planimétrico do sítio. Além disso, visitamos a casa atual do Seu Lino e Dona Maria dos Anjos, registramos e fizemos medições também. O melhor foi poder ouvir deles, e experimentar junto a eles uma parte da imensa história, e pude ainda ver como falar, ver aquele ambiente ativa a memória e leva a recordar muitas outras histórias.

Outro dia, novos aprendizados. Nossa, andamos uns 3km para chegar no Sítio Arqueológico Porto Boqueirão (SarqPB). Eu, Paty e Ádio, pudemos apreciar um pouco a paisagem e o caminho (ver figura 15).

Figura 15 - Paty e Ádio a caminho do Sítio Porto Boqueirão.



Fonte: Alice Soares

Ao chegarmos no SarqPB foi fundamental analisar as condições em que se encontravam, pois fica as margens do rio Alegre, um afluente do rio Guaporé.

O SarqPB era antiga residência dos pais de Ádio, foi abandonado na década de 1980 com a cheia do rio. Assim, tendo muito interesse e memória do lugar o Ádio nos acompanhava sempre que possível. Antes de irmos, Ádio acorda bem cedo e faz suas

atividades do campo, tirar leite, alimentar os porcos, galinhas e outras, bastante coisa (ver figura 16 e 17). E ele ir conosco denota um interesse muito grande e inspira.

Figura 16- Adio tirando leite



Fonte: Alice Soares

Figura 17- Kika alimentando as galinhas



Fonte: Alice Soares

Nós buscamos evidenciar as estruturas que ainda haviam lá, como postes e canaletas. Fomos bem despreparados para as atividades pois o objetivo era só ver as condições de acesso e estado do sítio.

O problema principal que tivemos foi o mapa planimétrico feito anteriormente do sítio, que estava espelhado (as estruturas estavam em lugares opostos). Voltamos para casa, e trabalhamos na planta baixa. À noite, fizemos a árvore genealógica da família Frazão de Almeida, assim eu pude conhecer um pouco mais da história e das pessoas.

Nos dias que se seguiram, fizemos limpeza do sítio e evidenciamos as estruturas. Tiramos vários pontos de GPS (coordenadas geográficas) de cada estrutura e fizemos um croqui do sítio, bem como fotos de objetos e materiais já registrados na pesquisa anteriormente.

Eu adoro campo, mexer na terra, meter a mão na massa. Para ajudar a lembrar dos métodos e tudo, sempre me voluntario a participar dos campos das outras turmas. Então abrimos duas unidades de 1x1 m. Ia ser uma nova aprendizagem, pois todos os campos que havia participado foram em sítios pré-coloniais com muita cerâmica e lítico. Poder fazer parte deste campo me fez perceber como podemos ver muito de nós nos sítios, perceber e se fazer parte da construção daquele lugar.

Valendo-se muito das memórias e recordações de Ádio que viveu ali, fizemos uma tradagem no local onde ele havia indicado que era a antiga lixeira da casa.

Na escavação, foi feita uma unidade na soleira da porta e no que seria um altar dentro da casa. encontramos alguns materiais como um machado de ferro, pedaços de plástico e ainda o antigo piso da casa. Nosso método de escavar foi diferente, pois o solo era muito compacto, duro, então fomos de enxada ao invés de colher (ver figura 18).

⁹Bacharel em História pela Universidade de São Paulo e mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP(MAE-USP). Atualmente é doutoranda em Arqueologia pelo MAE-USP.

¹⁰Doutora em Antropologia pela Universidade da Califórnia, atualmente professora no Programa de Antropologia e Arqueologia na UFOPA.

¹¹Doutora em Arqueologia pelo MAE-USP e Atualmente é professora no Programa de Antropologia e Arqueologia na UFOPA.

Figura 18: Eu escavando na unidade soleira.



Fonte: Alice Soares

Estavam sendo dias incríveis, Paty foi a cidade buscar mais um colaborador da pesquisa, Wellington. Os dias que fiquei só, pude conhecer mais a família de Kika e Ádio, muito simpáticos e acolhedores. Conheci seus filhos, Alessandra (chamada Vana) grávida de pequeno Antony, Abdilson com a filha Yasmin e Jessica com a filha Hadilly (conhecidas em Várzea Grande).

Paty de volta e com o mais novo integrante, seguimos realizando as atividades de campo. Muitas fotos do sítio. Uma nova unidade (ver figura 19), onde era a lixeira, lá mesmo organizamos nosso laboratório, analisando e tirando fotos. Fizemos até umas fotos aéreas do sítio com um bastão improvisado pelo Wellington.

Figura 19 - Adio na unidade Lixeira/ maio/2018



Fonte: Alice Soares

Aproximando das atividades finais, fomos à casa da Dona Maria terminar a árvore genealógica.

Fui um dia com Kika e a Jéssica para Villa Bela. Kika trabalhava no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, então aproveitei a ida pra falar com a família, afinal são 20 dias em outro estado. Baixamos vários filmes para assistir. Visitei o museu de Vila Bela que contém vários materiais do tempo em que era capital (ver figura 20). Visitei as ruínas da antiga igreja, que contém uma grande cobertura que faz parte da proteção ao patrimônio (ver figura 21).

Figura 20. Peças do museu de Vila Bela.



Fonte: Alice Soares

Figura 21- Ruínas da Igreja da Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade



Fonte: Alice Soares

Último dia de campo, fizemos desenho de perfil e as unidades foram fechadas e por fim, foto da equipe (ver figura 22). Trouxemos todos os materiais levados, mas o material arqueológico foi devolvido a lixeira, conforme combinado anteriormente com a família Frazão. Foram dias incríveis com muita conversa, aprendizagem e trocas. Para finalizar as atividades, visitamos as casas das famílias do quilombo. Assim também eu pude conhecer várias outras pessoas da comunidade que não pude ter contado em decorrência das atividades. E ainda teve muita organização, pois fizemos vários registros.

Figura 22 - Equipe de campo



Figura 150: a partir da esquerda, eu, Alice, Ádio e Wellington (mai/2018).

Fonte: Carvalho (2018)

Para comemorar o fim das atividades, fizemos uma visita a cachoeira dos Namorados foi imperdível, a ida foi em mutirão o que deixou o passeio mais animado ainda (ver figura 23 e 24). São dias em que fiz amizades, aprendi, descobri, e o melhor conquistei.

Figura 23- Da esquerda para a direita: Paty, Hadiily, Wellington, eu, Jessica e Abdilson.



Fonte: Carvalho (2018)

Figura 24: Eu na cachoeira dos namorados



Fonte: Alice Soares

Na volta para casa, enfrentamos uma greve dos caminhões que estava afetando a distribuição de combustível, será que conseguiríamos voltar? Fica aquele medo de chegar no aeroporto e não poder ir embora. Paramos em vários postos, mas quase não tinha combustível. Enfim chegamos em Várzea Grande, Paty e Wellington bem na hora do voo. Ainda tive que esperar um pouco. Então chegou à despedida, rápida e cada um seguindo seu rumo com uma nova experiência e histórias para contar. E que linda experiências e fantásticas histórias.

Participar do campo me proporcionou um contato real com a temática da arqueologia da diáspora que fora fundamental para minha vida acadêmica, pois foi partir daí que fui pensando o que faria e descobri um interesse maior por essa discussão.

O termo “diáspora africana” é atribuído a dispersão compulsória de africanos e seus descendentes para fora da África, através do tráfico transatlântico iniciado no século XVI (Carvalho, 2012). O termo é utilizado também para designar seus descendentes nas Américas e Europa, bem como o patrimônio cultural construído.

Os estudos arqueológicos a partir da perspectiva da diáspora africana começaram a ser desenvolvidos nos Estados Unidos na década de 1970. No Brasil estão sendo realizados trabalhos esporádicos, mas que tem aumentado nos últimos anos (Symanski, 2014:159; Carvalho, 2018).

Quando olhamos para a região de Santarém-PA, as pesquisas são pouquíssimas (Funes, 1995). A presença negra na Amazônia/Pará tem sido muito forte, sobretudo no estado do Pará (Sampaio, 2011), um exemplo disso são as dezenas de quilombos no estado. Atualmente alguns trabalhos de levantamento foram realizados nas áreas de quilombos da região. Trabalhos no campo arqueológico vem sendo desenvolvido pelos estudantes de arqueologia das comunidades quilombolas como o de Rafaela Pinto e Elaine Pinto, orientadas pela Prof. Anne Rapp Py- Daniel e Tarcisio Vandokoken orientado pela prof. Myrtle Shock .

Arqueologia da diáspora vem a ser discutida dentro que se convencionou chamar de “arqueologia da escravidão”. Carvalho (2018) faz uma reflexão acerca do termo e se ainda é adequado, pois entendemos a escravidão como uma condição que foi imposta aos povos africanos, bem como outros grupos. Trata somente a materialidade africana dentro da temática parece problemático.

A diáspora africana também não pode ser vista como apenas um movimento de populações. A movimentação forçada levou a reformulação de grupos em termos étnicos, sociais e religiosos.

Carvalho (2018) destaca ainda como a prática arqueológica diante de novas formas de abordagem em acordo com a descolonização do pensamento são fundamentais para uma análise mais profunda da materialidade afrodescendente.

Participar da pesquisa me possibilitou um novo olhar para a arqueologia, que vê as pessoas como sujeitas, e não como objetos a serem estudados. Uma arqueologia que faz com que essas vozes cheias de saber seja ecoadas. O resultado foi uma das maiores contribuições para a temática na arqueologia a meu ver.

Após minha participação no campo, Patrícia Marinho me pediu que produzisse um pequeno relato da minha experiência. Minha participação no campo para além de desenvolvimento de atividades foi porque entende-se que o desenvolvimento de pesquisas em arqueologia da diáspora africana passa pela inclusão de estudantes e

profissionais negros (Carvalho, 2018). Assim, essa participação pode contribuir para a visibilidade social, bem como no registro arqueológico, visto que acrescenta ao debate vozes historicamente excluídas.

A tese de Patrícia, publicada em 2018 tem como título “Visibilidade do Negro: Arqueologia do Abandono na Comunidade Quilombola do Boqueirão – Vila Bela/MT” e discute a visibilidade arqueológica e social quilombola a partir da investigação da materialidade e formação do registro arqueológico. Com o acolhimento e colaboração da comunidade ao longo de 10 anos, Patrícia buscou desenvolver uma tese que pudesse ser amplamente apropriada pela comunidade, como um memorial histórico e afetivo para as famílias.

Aos poucos vamos caminhado e lutando por uma arqueologia mais representativa, multivocal e antirracista.

CAPÍTULO 3- MOBILIDADE EXTERNA TEMPORÁRIA: DE SANTARÉM A SÃO PAULO.

Depois da experiência em Vila Bela, decidi que esse seria o meu rumo acadêmico, ou pelo menos uma tentativa, um foco maior em aprender e discutir mais sobre arqueologia da diáspora.

Estamos em uma reunião do Centro Acadêmico de Arqueologia para escolher o tema do evento, será em conjunto com curso de Antropologia pois como temos poucos recursos a ideia é aproveitar bem.

Como não temos disciplinas na grade curricular que discuta Arqueologia Negra ou da Diáspora Africana, essa é uma ideia para o tema do evento. Através dele podemos preencher a lacuna da formação acadêmica. E para compor nossa discussão, não tinha como não sugerir Patrícia Marinho, ainda mais depois da experiência em Vila Bela-MT. O evento propõe também discutir gênero sendo este pouco discutido no programa.

Lançado nossas redes, embarcamos na organização desse incrível evento: teve como título: “Dos Palmares as Santos: Vivenciando Dandaras. Africanidades e Diáspora africana, gênero (sexualidade, transgeneralidade) perpassando preconceito e racismo.” Sendo realizado do período do dia 05 a 09 de novembro de 2018 (ver figura 25).

O título homenageia duas personagens representativas da temática. Dandara dos Palmares, conhecida como líder feminina do quilombo Palmares, que foi formado principalmente por africanos escravizados fugitivos das propriedades coloniais. E Dandara dos Santos, nascida no Ceará, se identificava como travesti. Foi torturada e brutalmente assassinada em 2017 diante de muitas pessoas, sendo acusada de cometer roubos e furtos. Ela não possuía passagem pela polícia, o que ficou bem nítido no processo que as causas do crime foram ódio e preconceito.

Então, sendo silenciadas por essa sociedade conservadora, as Dandara e os que se sentem representados, serão protagonistas das histórias que serão discutidas.

Figura 25: Arte de divulgação do evento.



Fonte: Rede social do evento.

A programação ficou incrível, recheada de minicursos, oficinas e palestras. Teremos convidadas que trarão discussões riquíssimas. Além de ampliar a rede de relações e conhecimentos, pude rever Patrícia.

É aqui que começa mais uma etapa dessa trajetória. Com o fim do evento se aproximando, solicitei a prof. Anne Rapp Py-Daniel para me orientar em uma bolsa de Mobilidade Acadêmica para São Paulo. Como já havia estabelecido uma relação de amizade e por ela ser uma referência nos estudos arqueológicos da diáspora africana levamos o convite a Patrícia Marinho. Fui recebida oficialmente pela professora Fabíola Andrea Silva no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP) e seria orientada nos meus estudos da diáspora pela Patrícia Marinho, então orientada de doutorado do MAE-USP.

O Apoio dos membros do coletivo foi muito importante no processo de escrita do projeto, pois nos reunimos para tirar nossas dúvidas e ajudar uns aos outros, alguns estavam participando do edital. Acreditávamos que ali era uma grande oportunidade para muitos de nós. E foram quatro pessoas do coletivo que conseguiram aprovação no edital.

Aprovada a bolsa, iniciou-se os preparativos para abril de 2019. Seriam 30 dias em São Paulo de muitas descobertas, (re)encontros e aprendizado. Além do meu projeto com algumas atividades proposta, Paty foi fundamental pois estabeleceu uma rede de colaboração entre amigas, pesquisadores e conhecedores no intuito de tentar ao máximo nesse período conhecer e aprender mais sobre a diáspora.

O dia mais esperado chegou rápido, 01 de abril de 2019, uma viagem bem longa. Mas consegui. Milena Mateuzi Carmo¹² me acolheu em sua casa, fica próximo à casa de Paty então é mais fácil de nos encontrar para as atividades.

Relatar esses 30 dias em algumas páginas me parece impossível, então resumirei esses dias memoráveis. Muitas imagens estão em péssimas qualidades pois tinha um celular muito simples. Infelizmente o acesso a equipamentos como notebook ou câmera mesmo que simples são realidades ainda bem distantes.

Parte destas atividades estão descritas de forma resumida em nosso artigo (CARVALHO e SOARES, 2021) que buscou fazer uma reflexão de nossas experiências vivenciadas durante a mobilidade, e os resultados não se restringiu ao cruzamento de nossas trajetórias acadêmicas, mas alcançou nossa experiência afrodiaspórica de vida.

Nossa primeira atividade é a organização da agenda. Com uma agenda compartilhada conseguimos nos organizar com atividades já agendadas e outras que surgissem ao acaso. Tivemos muita sorte pois estavam acontecendo muitos eventos. A locomoção é muito importante em São Paulo, então fomos atrás do meu bilhete único para idas de metrô e ônibus. E como tudo é longe. Sem contar o clima seco e frio. Me acostumar era improvável.

Um das minhas atividades fundamentais foi a pesquisa bibliográfica, reunir trabalhos, artigos, livros que sejam referentes à diáspora, também estudos em comunidades quilombolas. E assim posteriormente compartilhar a bibliografia com os demais estudantes do curso e quem tiver interesse.

Além das pesquisas, um dos objetivos é visitarmos diversos espaços que detém materiais relacionados à diáspora africana. Dentre esses espaços visitamos museus, acervos, reservas técnicas e exposições.

O museu Afro Brasil possui um grande acervo que tem como objetivo preservar e contribuir com divulgação da herança artística e cultural do povo negro no Brasil. Através das exposições ele vem contar uma história do Brasil viva, tentando desconstruir o imaginário da população negra, que foi construído pela ótica da branquitude. O museu apresenta um material riquíssimo que traz um pouco da diversidade dos povos do continente africano que depois foram reduzidos à escravidão no Brasil. O acervo tem uma diversidade de esculturas, fotografias, divulgação dos artistas negros, artigos das religiões afro-brasileiras (vestimentas, esculturas, imagens), o trabalho escravo com representações e ferramentas dos diversos tipos de trabalhos por eles desenvolvidos (ver figura 26).

Figura 26 – Cachimbo em cerâmica com representação masculina produzida pelas culturas Bamum e/ou Bamilieque, Camarões. Apresenta uma figura real coroada.



Fonte: Alice Soares

Uma exposição que achei muito interessante é a intitulada “O Sagrado e Profano” que mostram a apropriação pelos escravos africanos e seus descendentes das celebrações festivas católicas a partir das suas culturas de origem, permitindo preservar muitos de seus elementos que conservam até hoje (ver figura 27).

Figura 27 - Exposição o Sagrado e o Profano



Fonte: Alice Soares

Visitar ao acervo África me despertou muito mais a vontade de conhecer o continente africano. O acervo possui uma coleção de peças oriundas de contextos africanos plurais em suas culturas e organizações sociais. A visita foi guiada com a antropóloga e artista da dança Luciane Silva, ela compartilhou ainda um pouco da sua trajetória acadêmica enquanto mulher negra, que julgo muito importante, pois são poucos os pesquisadores negrxs, mas mesmo que lentamente estamos ocupando os diversos espaços.

A coleção é fruto das viagens de pesquisa da historiadora Daniela Moreau¹³, coordenadora e mantenedora do Acervo. Criado em 2012, o acervo além de um lugar de exposição, é um espaço de pesquisa que busca colaborar para a expansão do entendimento público sobre a cultura material africana e de sua apreciação enquanto legado fundante para a experiência brasileira.

A coleção é bem variada, presente bordados do grupo cultural Wodaabe, habitante do Níger, adornos e tecelagem Berbere, prataria dos artesãos Tuaregue, Indumentárias Igbo e Yoruba, oriundas da Nigéria, tecidos artesanais Kuba, do Congo, e tecidos de outras localidades (ver figuras 28, 29 e 30). Este é um pouco das raridades disponibilizada pelo acervo como fonte de informações acerca de culturas vivas, diversas e sobre as quais o Brasil ainda pouco se dedicou a conhecer.

Figura 28: Um cômodo do Acervo África com exposição de tecidos, mascaras e bancos do grupo Lobi da país Burkina Faso.



Fonte: Alice Soares

Figura 29 e 30- Braceletes, brincos, colares, anéis, pingentes de diversos grupos e adornos de cabelos.



Fonte: Alice Soares

Outro espaço que visitei foi o Centro de Arqueologia de São Paulo (CASP) que, enquanto instituição de guarda e pesquisa, é composto pelos materiais escavados nas várias regiões da cidade (ver figuras 31, 32 e 33). Fomos recebidas pela arqueóloga Paula Nishida, segundo ela, as coleções mais antigas são fruto das pesquisas desenvolvidas pelo Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) da Secretaria Municipal de Cultura que desenvolve o programa de arqueologia histórica da cidade de São Paulo, desde 1979, quando foi firmado acordo entre DPH e o Museu Paulista da USP.

Figura 31: Centro de Arqueologia- São Paulo



Fonte: Alice Soares

Figura 32 - Materiais Arqueológicos do CASP



Fonte: Alice Soares

Figura 33 - Materiais Arqueológicos do CASP



Fonte: Alice Soares

O local escolhido para implantação do Centro de Arqueologia de São Paulo foi o Sítio Morrinhos (ver figura 34), imóvel de muito valor histórico, reconhecido por tombamento federal, estadual e municipal, e peça fundamental do acervo das Casas Históricas da Prefeitura do Município de São Paulo.

Figura 34 - CASP-Sítio Morrinhos



Fonte: Alice Soares

O acervo é em sua maioria dos séculos XIX e XX. Ainda são poucas as pesquisas com os materiais presentes lá, então poder ver e conhecer e mais ainda, divulgar pode instigar outros a desenvolver pesquisas com as coleções.

Visitei o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) que também possui uma coleção com materiais africanos, oriundos principalmente do leste da África e do Mediterrâneo. Percebi que a coleção é bem variada apresentando roupas, máscaras, esculturas, cetros, tanto em metal quanto em madeira, ferramentas de fabricação das máscaras, diversos adornos em metais e outros. A coleção é riquíssima, parte dela estava passando por processo de curadoria, restauro e conservação, principalmente os de metais para retirada de ferrugem. No entanto, os materiais presentes seguem pouco estudados, então esta é uma forma de divulgação que pode talvez incentivar a pesquisas com os mesmos. O registro do material foi

feito, no entanto, não é permitida a divulgação de fotos dos mesmos sem autorização da instituição.

A convite de Liliâne Braga, educadora e pesquisadora do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), visitamos a exposição de arte Tshimbondation (integração), com o artista plástico e expositor congolês Shambuyi Wetu (ver figura 35). O artista trabalha com esculturas e pinturas, abordando diversos temas sobre as narrativas e experiências da diáspora e a situação do negro no mundo. A exposição continha dezenove telas, feitas com a técnica de colagem, utilizando jornais e revistas, formando rostos e silhuetas de pessoas sobre as telas (ver figuras 36 e 37). Wetu desenvolveu sua carreira no Brasil desde 2014, esta foi sua primeira exposição individual do artista, que pretendeu inspirar a questão do pertencimento com base na sua experiência como imigrante e seu próprio processo de integração artística no contexto brasileiro.

Figura 35 - Shambuyi Wetu, Liliâne Braga, Eu e Paty.



Fonte: Paty Marinho

Figuras 36- Exposição da Telas de Shambuyi Wetu



Fonte: Alice Soares

Figura 37 - Exposição da Telas de Shambuyi Wetu



Fonte: Alice Soares

Visitando os espaços ampliei minha pesquisa bibliográfica. Além de consultar o acervo pessoal de Patrícia Marinho, acessei a partir das indicações que foram dadas nas rodas de conversas plataformas de divulgação de trabalhos referentes à cultura africana. Tais como o Acervo África que possui uma biblioteca que reúne uma coleção de mais de 500 obras, composta por livros, periódicos, dissertações e teses. O Acervo

também possui um catálogo de 200 filmes, em sua maioria de cineastas africanos, disponíveis para consulta local, além de um banco de imagens com fotografias disponíveis para consulta online.

Durante nossa visita ao Acervo África, Luciana Ramos me apresentou a revista *O Menelick 2º Ato*¹⁴, um projeto editorial de reflexão e valorização da produção cultural e artística da diáspora negra com destaque para o Brasil, que também está disponível online. Através dessa revista tomei conhecimento de várias autoras e autores que estão discutindo a temática afrodiaspórica.

Também tive acesso a Revista eletrônica *Ôkótó*, que é um espaço de divulgação de textos e reflexões do Kilûmbu Ôkótó, uma escola de educação racial a qual propõe uma educação antirracista com foco na consciência espiritual, com vistas a desenvolver nossa mentalidade e nossa inteligência emocional para lidar com o enfrentamento ao racismo.

Dentro de nossa programação tive a oportunidade de participar de algumas oficinas, aula, palestras, debates que me foram fundamentais para uma discussão mais plural.

Em mais um encontro com Liliane Braga, participamos do seminário “Articulando saberes: educação e arte da diáspora na América Latina”, organizado pelo Sesc 24 de maio, nós participamos da palestra “Desde dentro: um panorama da diáspora negra na América Latina”, com Sheila Walker (ver figura 38). A palestra contou com o lançamento do livro intitulado “Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias”, organizado por Sheila S. Walker.

A discussão sobre esse panorama da diáspora negra se deu a partir de um documentário¹⁵ produzido pela autora em diversas localidades da América Latina, como Brasil, Uruguai e Panamá, mas também incluíam pesquisas realizadas na no continente Africano, na Índia, Turquia e outros países com histórias coloniais. O Documentário apresentado durante a palestra abordou os múltiplos rostos familiares (negros) em lugares inesperados. Na sua pesquisa antropológica, a autora constatou que há uma base semelhante nas culturas africanas (mas nem todas) e se questiona de onde vem a negação à cultura afro nos Estados Unidos.

Foi uma experiencia muita boa e conseguimos até comprar um exemplar do livro.

Figura 38 - Sheila Walker



Fonte: Paty Marinho

Outra atividade que foi muito proveitosa foi o convite do professor Júlio Moracen para assistir uma de suas aulas na Universidade Federal do Estado de São Paulo (UNIFESP), Campus Guarulhos. A disciplina ministrada pelo professor tratava da História do Teatro Negro e indígena na América Latina e Caribe.

Nesta aula nós discutimos um pouco o conceito de diáspora no teatro. As discussões da aula se deram a partir de textos lidos previamente, incluindo temas da antropologia teatral, o estilo do teatro negro, o processo de construção da identidade brasileira, a herança cultural negra, os processos de resistência cultural negra tais como os quilombos, a transculturação, entre outros.

Além de debate com os alunos, teve vários momentos lúdicos, afinal é uma aula de teatro (ver figura 39).

¹²mestre em antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, FFLCH-USP, graduou-se em Ciências Sociais pela mesma instituição em 2005. Possui ampla experiência em políticas sociais a partir da atuação em setores do Estado e organizações da sociedade civil.

Figura 39: Paty, Júlio e Eu.



Fonte: Paty Marinho

Assisti o espetáculo *Medea Minajeje*, encenado por Kenan Bernardes, o mesmo conta o sacrifício de Age no trabalho penoso nas minas de ouro que moveram a economia do Brasil durante séculos, mesmo a ruir vidas inteiras num genocídio silencioso que marca a história do país a partir do signo da violência. O grito de Medea é pela liberdade, essa liberdade aparece como mar revolto, aquele que lhe trouxe a força da África é o mesmo que a levará de volta. Ao final, houve roda de conversa intitulada *Memórias ancestrais e identidades afrodiáspóricas: Diálogos atemporais* (ver figura 40) mediada por Liliane Braga na qual discutimos aspectos da diáspora africana com o objetivo de desnaturalizar as ideias que inferiorizam o saber africano e afro-brasileiro.

Figura 40- Roda de Conversa



Fonte: Alice Soares

Participar da inauguração do Sarauzodromo foi incrível, pois é um espaço para literatura na biblioteca Mário de Andrade, tive a oportunidade de conhecer, mesmo de que longe, Conceição Evaristo, romancista, contista e poeta, escritora negra que tem bastante influência na literatura brasileira. Suas obras abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. Ainda tive a oportunidade de ver Roberta Estrela D’Alva, atriz-MC, diretora, pesquisadora e *slammer*, que expôs poemas, muitos deles com a temática da diáspora africana como o poema (de sua autoria) intitulado “Diáspora”, recitado por ela (ver figura 41). As duas escritoras fizeram um tributo a Ruth Guimarães, com leituras de trechos de obras como o romance “Águas fundas” e cartas que a autora escreveu à Mário de Andrade.

Figura 41-Roberta D’alva e Conceição Evaristo



Fonte: Alice Soares

¹³Fotógrafa, historiadora e mestre em Ciência Política, é co-fundadora e dirige o programa Casa das Áfricas, organização dedicada ao estudo do continente africano. Desde 1995 realizou quinze viagens a África visitando, entre outros países, Burkina Fasso, Mali, Tanzânia, Madagascar, Namíbia e Marrocos.

¹⁴ Revista O Menelick 2o. Ato, disponível online em> <http://www.omenelick2ato.com/>

Através da roda de conversa “Genocídio da população Negra: impactos na saúde mental de jovens negros”, organizada pelo coletivo “As pretas”, pude discutir e pensar a pauta de um novo modelo de resistência, construído na união do povo preto. Discutimos que o racismo não é um problema nosso, mas que infelizmente nos afeta. Assim percebi que os impactos à saúde mental são grandes, principalmente a solidão, pois quando pessoas negras têm acesso a espaços de poder, permanecem quase que inevitavelmente sendo a única pessoa negra. Também fizemos uma reflexão sobre a saúde mental das crianças pois os meninos negros são vistos como marginais, a maioria deles inseridos em famílias desestruturadas e entendemos o quão necessário é cobrar das escolas posicionamentos. Além disso, refletimos sobre a saúde mental coletiva, o cuidado com os nossos.

Essa experiência me levou a refletir sobre como muitas universidades estão alheias aos cuidados com seus alunos, mantendo sistemas de opressão que tem agravado a saúde mental de muitos estudantes, tal como a minha experiência pessoal infeliz de vivenciar o racismo dentro da instituição.

Ao final fizemos um registro maravilhoso dos participantes da roda de conversa (ver figura 42).

Figura 42 - Roda de conversa: genocídio da população Negra



Fonte: Vinicius Garcia

Ao assistir a defesa da tese de doutorado em arqueologia de Danielle Magri Amaral, no MAE-USP, pude conhecer mais e pensar na arqueologia que potencializa as vozes.

A tese intitulada “Loiceiras, potes e sertões: um estudo etnoarqueológico de comunidades ceramistas no agreste central Pernambucano” discute como que os sertanejos são representados e sua materialidade pouco visibilizada, pois ainda temos uma arqueologia colonialista, com fetiche na antiguidade. A autora apresenta um pouco do que seria essa materialidade, suas resistências e permanências, como os potes e as jarras do cotidiano doméstico. A mesma fala das loiceiras e seus conhecimentos e como que os potes são veículos de sociabilidade, remetendo tanto a abundância como a escassez. Aborda ainda a noção para eles de patrimônio, que difere muito da noção promovida pelo Estado.

No MAE-USP também fui recebida pelo doutorando Fábio Guaraldo Almeida, que me apresentou o seu trabalho em desenvolvimento com comunidades remanescentes de quilombo, falando sobre formas de como atuar junto às populações tradicionais.

Outro espaço que pude conhecer foi o Centro Cultural São Paulo, chegamos bem cedo, às 14hs e passamos a tarde na biblioteca. Participamos do relançamento da Coleção Feminismos Plurais e lançamento do livro “Racismo recreativo”, de Adilson Moreira. Na espera do evento, a fila começou a se formar cedo, então fomos também, e foram horas espera, pois os cem primeiros ganhariam exemplar do livro. 19hs, entramos, ganhamos o livro (ver figura 44), e que maravilha é poder sentar-me na terceira fila, tira fotos, ouvir a Djamila Ribeiro falar e todos os outros autores foi enriquecedor, pois são poucas as oportunidades que temos de conhecer pessoalmente autores que estamos lendo, e naquele momento eu imediatamente partilhei com meus irmãos do coletivo negro, uma vitória minha, que no fim é nossa. Então, está ali não foi só por mim, mas também por eles, pretos no topo, ocupando espaço, sendo referência.

Conheci de perto autores negros que muito tenho lido e que estão tratando dos mais diversos temas que perpassam o ser negro. Estavam presentes Djamila Ribeiro, Joice Berth, Juliana Borges, Carla Akotirene e Adilson Moreira. O evento ainda contou com a participação de Sueli Carneiro (ver figura 43).

¹⁵Documentário disponível em: <https://youtu.be/g1BceelJlRo>

Figura 43: Autores da Coleção Feminismo Plurais



Fonte: Alice Soares

Escrito pelo intelectual mestre e doutor pela Universidade de Harvard, Adilson Moreira o Livro “Racismo Recreativo” discute a forma pelo qual o humor tem sido usado como saídas para discursos de ódio e propagação de práticas racistas. O livro tem diálogo direto com os outros da coleção Feminismos Plurais, que tratam de lugar de fala, criação de conhecimento, sobre empoderamento, entre outros.

Figura 44: Paty e eu no lançamento do livro de Adilson Moreira.



Fonte: Paty Marinho

E que falas fortes, mulheres negras como eu, sendo lidas, discutidas e encorajadas. E que linda a plateia, muitas mulheres, crianças, homens, um prazer ver tantos rostos negrxs, o que me mostra o quanto estar ali e poder experimentar tudo é representativo.

Essa foi uma experiência maravilhosa, que me fez também refletir sobre esses muitos debates que a arqueologia aos poucos vem discutindo, com o ingresso de estudante negros através das ações afirmativas.

Outra experiência importante foi nosso debate da religião à estética Afro-Brasileira e seus contextos, com a participação da antropóloga e cabeleireira Bruna Mantese, a escritora Paloma Amorim, a arqueóloga Paty Marinho e a artista e maquiadora Sara Silva, estudiosa das religiões de matriz africana.

Sara abriu a discussão trazendo informações sobre a profissão de maquiadora que tem sido desvalorizada pelo número crescente de blogueiras com tutoriais. Segundo Sara, maquiadores profissionais estudam as personalidades das pessoas para definir qual maquiagem é a mais adequada. Também conversamos sobre a estética e a autoestima da mulher negra. Depois, Sara introduziu a discussão sobre a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a não proibição de sacrifício de animais nas religiões de matriz Afro. Bruna Mantese que é vegana apresentou vários pontos de vista sobre o tema. Achei importante essa discussão e entendi que existe um grande desconhecimento por parte da população sobre as religiões de matriz africana, que acaba gerando uma série de preconceitos.

Tive a oportunidade de participar do Sarau Especial: Grupo Cativoiro Capoeira, que hoje tem sede em muitos países e vários lugares do Brasil. Paty Marinho já fez parte do grupo na adolescência, e seu colega, o arqueólogo Fabio Guaraldo, estava presente, que coincidentemente faz parte do grupo. A roda contou com a presença do mestre Alcides, que se formou na primeira turma do Grupo Cativoiro e relatou sobre suas experiências no projeto e sobre as relações raciais (ver figura 45). Ele fez uma linha do tempo contando um pouco a história dos 40 anos do grupo e os processos da capoeira no Brasil.

O grupo possui uma preocupação integral com a formação dos praticantes de capoeira, tanto em relação aos aspectos físicos, técnicos e morais, quanto políticos. Considerando a capoeira como símbolo de resistência. Essa foi uma experiência pessoal muito boa, em que relembrei os tempos em que era criança, quando jogava

capoeira no âmbito de um projeto educacional “Arte na Escola da Gente”. Eu penso que projetos que valorizam a identidade negra são fundamentais para desconstruir muitas ideologias negativas construídas sobre a nossa cultura.

Figura 45 - Sarau do grupo O Cativoiro.



Fonte: Alice Soares

Outra atividade envolvendo religiões afro-brasileiras, foi a visita que fizemos ao terreiro de Umbanda Mãe D'Água Pai das Matas da Mãe Amália - mãe de santo de Paty Marinho. Essa atividade me fez pensar muito em como as coisas mudam nos diferentes lugares, ou seja, têm suas particularidades e regionalismos. Anteriormente havia participado em terreiros de umbanda em Santarém e ao comparar, observei que muitas músicas e as entidades são diferentes.

Alguns dias depois do relançamento da Coleção Feminismos Plurais, voltamos ao Centro Cultural São Paulo, para assistir um evento em homenagem ao orixá Ogum. Foi um evento muito lindo com muita dança e música (ver figura 46).

Figura 46– Homenagem no dia de Ogum pelo grupo Afoxê Amigos de Katende.



Fonte: Alice Soares

No centro de São Paulo participamos da roda de conversa “Orixás e pretogogias: a espiritualidade é a chave”. Foi uma atividade muito interessante pois pude conhecer um pouco sobre as histórias de alguns orixás. Essa atividade foi organizada pela escola educacional racial Kilumbu Ôkótó. Discutimos principalmente sobre a espiritualidade na educação de crianças negras. Foi uma roda que me mostrou muito sobre como a espiritualidade promove uma conexão e a relação entre coisas, pessoas e lugares (ver figura 47).

Faz parte desta ainda a projeto “Dissecando Racismo” que visa usar mitologia de Exu e fundamentos da capoeira em conjunto com a produção da intelectualidade negra no combate ao racismo. Que dessa forma tem como divulgação a revista eletrônica Kilumbu Ôkótó.

Figura 47: Participantes da Roda de Conversa



Fonte: Kilûmbu Ôkótó.

Participei, para além das atividades acadêmicas, de algumas manifestações culturais. No Morro do Querosene, onde estava morando, participei da festa do Bumba-meu-boi, organizada pelo maranhense Tião Carvalho e pelo Grupo Cupuaçu (ver figura 48). O Bumba-meu-boi é uma manifestação cultural afro-brasileira. Assisti ao “nascimento do boi”, que é comemorado no sábado de Aleluia. Ao todo são três festas realizadas ao longo do ano: além da já mencionada, o nascimento do boi, tem o batizado do boi em junho e a morte do boi em data próxima ao dia dos finados. Foi muito interessante saber que a festa foi trazida do Maranhão para o Morro e ver que a comunidade maranhense mantém acesa essa tradição há mais de 20 anos, reunindo pessoas de diversas regiões da cidade de São Paulo.

Figura 48 - Renascer- Grupo Cupuaçu



Fonte: Alice Soares

Ainda participei de uma roda de samba do grupo Samba do Querosene, que contou com a participação do Tião Carvalho.

Uma das minhas últimas atividades foi participar da formação "Ação Educativa no MAE: Teoria e Prática" com enfoque na exposição resistência já! A Exposição Resistência Já: Fortalecimento das culturas indígenas Kiangang, Guarani Nhendewa e Terena é muito rica, esta foi construída coletivamente com os povos indígenas, apresentam autonarrativas, na medida em que os próprios grupos escolheram o que deveria ser exposto e escrito.

A formação contou com a presença o cacique Ronaldo e a assistente de pajé Susilene Kaingang (ver figura 49) que puderam falar de como a exposição foi concebida, e a relação que criaram com o museu pois viram também ali uma oportunidade de preservar e falar mais sobre suas culturas para as gerações futuras. Ter visitado a exposição e ouvi-los foi enriquecedor, o melhor é ver que tem espaços de parceria que potencializam as vozes daqueles que hoje são poucos escutados. Saber por eles

como vivem, como estão hoje seus territórios e seus enfrentamentos é importante, são eles que têm que falar por eles, e é isso que temos que potencializar.

Figura 49: Cacique Ronaldo e Susilene Kaingang



Fonte: Alice Soares

Passar trinta dias em São Paulo foi uma grande experiência. A partir desses encontros de saberes, vivências e experiências eu tive a oportunidade de relacionar muito mais a diáspora africana ao todo, em diferentes perspectivas e percebi como fui limitada em tentar compreender somente pela arqueologia. Isso me possibilitou também compreender a visibilidade dos diversos campo de atuação do movimento negro, bem como a propagação e resistência da cultura afro-brasileira.

Participando das atividades propostas, eu conheci e estabeleci uma troca com diversos pesquisadores, professores e militantes negres que estão produzindo nas diversas áreas, conhecimento, arte e culto aos ancestrais, construindo essa multiplicidade de experiências que formam a diáspora africana.

Enquanto pesquisadora negra, foi e é importante ver outros pesquisadores negres, pois me senti verdadeiramente representada. De fato, isso que me impulsionou a resistir dentro da Universidade diante dos vários processos de opressão que tenho vivenciado. Conhecer pessoas, conversar com elas, saber das suas histórias me encantou e me despertou mais interesse por essa arqueologia da diáspora africana afrocentrada e colaborativa.

A mobilidade através de uma orientação colaborativa me fez participar de inúmeras atividades que me foram importantíssimas. Além disso, me trouxe crescimento pessoal, através da vivência e do (re)conhecimento de mim mesma enquanto uma mulher preta diaspórica. Sem contar na representatividade, como foi rico permear diversos espaços a qual somos protagonistas, que remetem a nossa identidade e ancestralidade.

A Arqueologia Brasileira tem muitos desafios, e um deles, como destaca Carvalho (2018) é incorporar estudantes, profissionais afrodescendentes nas universidades, bem como nos diversos campos de atuação da arqueologia. Só assim conseguiremos ter uma visibilidade maior, colaborando para eliminação de racismos e preconceitos.

Dentro desse processo de incorporação e visibilidade arqueológica um dos desdobramentos da minha participação da mobilidade em São Paulo, foi a colaboração direta com a Patrícia Marinho que levou a nossa participação com trabalhos em alguns eventos tais como a VI Semana Internacional dos Estudantes de Arqueologia do MAE-USP em maio de 2019. Eu não pude estar presente devido às condições e realidades de ser estudante e pobre. No entanto, fui muito bem representada pela Patrícia Marinho e através de um vídeo que enviei. Essa participação levou felizmente a publicação do nosso artigo na Revista Arqueologia do MAE-USP em dezembro de 2021. O artigo tem como título “Todo poder ao povo preto”: diálogos sobre práticas colaborativas entre seres em lugares e tempos afrodiaspóricos”. Participei ainda da Reunião Nacional da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) em novembro 2019 – feita em Pelotas-RS e está só foi possível graças ao apoio de professores, o custeio da viagem pela Daniela Morreau, diretora e mantenedora do Acervo África e estadia pela amiga/professora Raiana Ferrugem.

A participação em eventos me foi uma experiência extraordinária, além de conhecer pessoas, trabalhos novos, podemos rever muitas outras. E a própria participação remete a condições que nos encontramos, grande parte só foi possível a partir da colaboração de outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento negro tem um forte papel educacional na formação dos afrodescendentes. Muitas discussões que têm destaque hoje foram introduzidas através deles. Compreender sua atuação e aproveitar seus conhecimentos na arqueologia é substancial.

Atualmente há poucos arqueólogos no Brasil que trabalham com a diáspora africana ou com temas voltados para a compreensão da ocupação e presença de Africanos e afrodescendentes no Brasil. No entanto, a temática vem ganhando espaço, mesmo que a passos lentos.

Dessa forma, participar do campo em Vila Bela me permitiu um contato real com a temática da diáspora africana, contribuindo muito na minha formação. Ao passo que o desenvolvimento de pesquisas da Arqueologia da diáspora passa pela inclusão de estudantes e profissionais negros. Contribuindo tanto para a visibilidade social, bem como no registro arqueológico.

Através da experiência do programa de mobilidade identifiquei diversos espaços que detém materiais relacionados à diáspora africana. E visitando-os ampliei minha pesquisa bibliográfica. Com isto, conheci e estabeleci uma troca com diversos pesquisadores, professores e militantes negres que estão produzindo nas diversas áreas, conhecimento, arte e culto aos ancestrais, construindo essa multiplicidade de experiências que formam a diáspora africana.

Esse Trabalho teve por objetivo, relatar minha experiência enquanto estudante negra, no curso de Arqueologia, da Universidade Federal do Oeste do Pará. Escrevi este trabalho na tentativa de mostrar que nossas visões e experiências nos moldam, constroem saberes e podem ser incorporadas a nossa pesquisa. Além disso, é uma amostra para outros estudantes de meios de interpretações e caminhos que podem ser experimentados no estudo de contexto da diáspora.

Para além disso, um dos objetivos se refletiu em uma proposta de representatividade, dada a importância de nos ver presentes e atuantes nos diversos espaços. A universidade não foi pensada para a população preta e pobre, então, quando começamos a ocupar a mesma, com essas ocupações, vieram as diversas formas de opressão. Falar do coletivo negro, apresentar a Rede de Arqueologia Negra e todas

as atividades foram exemplos de quanto esta visibilidade social, intelectual e material nos é cara e primordial. E assim também que surgem as redes de acolhimento e fortalecimento para nos potencializar os pesquisadores negres na Arqueologia do Brasil.

A arqueologia brasileira tem muito a aprender e discutir, e, assim, reconstruir sobre a diáspora africana. Ainda é um desafio, mas é fundamental nos contextos incorporar visões e experiências diaspóricas tanto de estudantes quanto profissionais.

REFERÊNCIAS

- ABREU E SOUZA, R.de. 2020. **Deixa meu cabelo em paz e outros contos sobre Arqueologia do Racismo à Brasileira**. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 43–65. DOI: 10.24885/sab.v33i2.743.
- AMARAL, D.M. 2019. **Loiceiras, potes e sertões: um estudo etnoarqueológico de comunidades ceramistas no agreste central pernambucano**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BRASIL. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.
- CARVALHO, P.M. 2012. **A travessia atlântica de árvores sagradas: estudos de paisagem e arqueologia em área de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARVALHO, P.M. 2018. **Visibilidade do negro: arqueologia do abandono na comunidade quilombola do Boqueirão – Vila Bela/MT**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARVALHO, P. M. de, & SOARES, A. de M. (2021). “**Todo poder ao povo preto**”: **diálogos sobre práticas colaborativas entre seres em lugares e tempos afrodiaspóricos**. *Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia*, (37), 164-177.
- CENSO DEMOGRÁFICO, 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acesso em: 20 mar. 2021.
- COSTA, Diogo Menezes. 2016. **Arqueologia dos Africanos Escravos e Livres na Amazônia**. *Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica* | Vol. 10 | No. 1 | Jan - Jun |
- FUNES, Antônio Eurípedes. 1995. **Nasci nas matas e nunca tive senhor: histórias e memórias de mocambos no Baixo Amazonas**. Tese apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, SP.
- GOMES, Nilma Lino. 2017. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes.
- MORAES, Irislane P. 2020. **Arqueologia ‘Na Flor Da Terra’ Quilombola: Ancestralidade E Movimentos Sankofa No Território Dos Povos Do Aproaga - Amazônia Paraense**. tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais
- MOREIRA, Adilson. 2019. **RACISMO RECERATIVO**. São Paulo, Sueli Carneiro; Pólen, 232p.
- SAMPAIO, Patrícia Maria Melo (Ed.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Editora AÇAÍ/CNPq, 2011.
- SÃO PAULO, SNIS, 2017. **Instituto Trata Brasil**. Disponível em: <http://www.tratabrasil.org.br/datafiles/estudos/ranking/2017/relatorio-completo.pdf> acessado em julho de 2021.

SILVA, Tainan Maria G. 2017. **Colorismo e suas bases histórias discriminatórias**. Revista Direito UNIFACS n. 201.

SYMANSKI, L.C. **A arqueologia da diáspora africana nos estados unidos e no brasil: problemáticas e modelos**. Afro-Ásia, 49 (2014), 159-198.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARA. Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão. Portaria n° 2000 de 8 de junho de 2017.

WALKER, S. 2019. **Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias**. Kitabu, Rio de Janeiro.